

**RESENHA: PERRONE-MOISÉS, LEYLA. MUTAÇÕES DA
LITERATURA NO SÉCULO XXI. 1ª ED. SÃO PAULO:
COMPANHIA DAS LETRAS, 2016.**

PALAVRAS-CHAVE: mutações literárias, literatura contemporânea, letramento literário.

Daniela Araújo Vieira¹

O “fim da literatura”, “bug do milênio”, surge no livro **Mutações da literatura no século XXI** apenas como um sobressalto do fim do século XX. Leyla Perrone-Moisés destrincha através de ensaios o cenário da produção, da leitura e do ensino da literatura de ficção na virada do século, bem como o papel desta na formação de nossos jovens e dos educadores, numa sociedade iletrada como a nossa. Os ensaios estão divididos em duas partes: a parte I, sob o título de *Mutações Literárias e Culturais* e a parte II, intitulada *A Narrativa Contemporânea*, onde gradativamente Leyla desmente as previsões apocalípticas, comprovando que a produção e a edição de obras literárias têm sido cada vez mais abundantes e dos mais variados gêneros, confirmando que os ataques sofridos pela Literatura traduziram apenas o pensamento utilitarista de nossa época.

Se por um lado, nenhum dos fins (do Homem, da arte, entre outros...) anunciados no final do milênio concretizou-se; por outro, o primeiro ensaio **O “fim da literatura”** mostra que essas mortes anunciadas eram indícios de mutações. E por isso mesmo, a literatura não escaparia

¹ Bacharel com Licenciatura em Letras (Português - Francês) pela UFRJ (2000), pós-graduada em Leitura e Produção de Textos pela UFF (2004), mestre em Letras (Ciência da Literatura, área: Teoria Literária) pela UFRJ (2009).

destas, mais especificamente, um tipo de literatura - àquela *que se manifesta em determinados textos, escritos numa linguagem particular, textos que interrogam e desvendam o homem e o mundo de maneira aprofundada, complexa, surpreendente*. (p.25) Isso se daria, devido ao forte impacto causado pelas mutações tecnológicas, precisamente, a informatização, a qual tanto beneficiou a produção e o comércio dos livros, quanto a leitura rápida em detrimento da leitura lenta e reflexiva.

O intuito da escritora não é historiar esse suposto declínio, ou talvez o fim da literatura, mas apenas indicar alguns textos básicos sobre o tema, logo, à medida que discorre sobre O **“fim da literatura”**, o seu lado de crítica literária e o de ensino da literatura aparece de forma dialética, pois ela não só dá uma aula sobre *O que é a literatura?* e quais autores escreveram e discutiram sobre o seu possível “fim” ao longo dos séculos XX e XXI; mas também oferece generosamente todas as referências teóricas necessárias para os interessados em aprofundar esses debates.

A mesma dificuldade em compreender a “literatura” ao longo dos anos, abordada no ensaio anterior, ocorre em nossa época, quando a cultura passou por transformações profundas. Portanto, em ***A literatura na cultura contemporânea***, Perrone pensa as mutações literárias no século XXI a partir das transformações culturais, iniciadas após a Segunda Guerra Mundial, quando surge uma cultura de massa, produzida de modo industrial e consumida indiscriminadamente. Assim, retoma o olhar assustado, avanços e limitações das ideias de Adorno e Horkheimer, quando atacaram a “indústria cultural” como “mistificação das massas”. Paulatinamente, atualiza-nos o debate em torno desse público específico, cuja sensibilidade e percepção da realidade é pautada de uma forma diversa da sociedade pré-capitalista.

Aprofunda a discussão da crise da cultura e da situação da arte numa sociedade dominada por essa cultura de massas, através das reflexões de Hannah Arendt, Umberto Eco, Susan Sontag e Jonathan Franzen, principalmente, no que tange ao perigo dessa cultura, cuja atitude central perante todos os objetos, reflete uma atitude de consumo, condenando à ruína tudo o que toca e, como tal, abstendo-se do cuidado carinhoso da cultura. Todos esses autores, acusados por muitos de elitistas, defendem a preservação da literatura como bem imaterial da rica tradição literária ocidental, como resistência à indústria cultural e à uma concepção de literatura enquanto mercadoria.

Já em ***Existe uma literatura pós-moderna***, a escritora sana algumas dúvidas no que implica a ambiguidade de conceitos, como *moderno, modernidade, pós-modernidade, pós-*

modernismo, geradores ainda hoje de problemas, dada sua imprecisão. Parte, então, de reflexões esclarecedoras de Walter Benjamin, Hans Robert Jauss, Octavio Paz, Haroldo de Campos, dedicadas a esse assunto, para chegar ao contexto histórico final do século XX e início do século XXI, nos debates entre pós-modernos e modernos.

Na falta de melhor designação, chama a literatura das primeiras décadas do século XXI de literatura contemporânea, apresentando sua enorme diversidade, com cada subgênero ocupando um nicho do mercado: *a literatura “séria” (aquela que ainda recebe prêmios); a literatura “difícil”(destinada a um público restrito); a literatura de entretenimento (os best-sellers sentimentais e/ou eróticos, a ficção fantástica com alta população de vampiros e de magos, a narrativa policial estereotipada); a literatura de autoajuda, que pode se apresentar em forma de ficção; a ficção histórica e biográfica etc.* (p.32) Essa multiplicidade, por isso mesmo, implica uma grande variedade de leitura, que requer diversos tipos de leitores, distinguidos por Umberto Eco como pelo menos de dois tipos: o “leitor semântico” e o “leitor crítico ou estético”: aquele deseja saber como a história vai acabar; este, como aquilo que acontece foi narrado. Como criar leitores desse segundo tipo? Essa resposta é desenvolvida ao longo dos próximos ensaios.

A meu ver, ***A literatura como herança*** é um dos textos mais bonitos da primeira parte, a começar pela imagem lindíssima da herança, nela Perrone pontua o fato das grandes obras produzidas nos séculos XIX e XX constituírem uma riquíssima herança da cultura ocidental, valorizando a importância da herança e da continuidade do legado recebido. Há certos escritores, é claro, que têm feito o luto dos antepassados em obras *metaliterárias*, citando-os e celebrando seus feitos, como a segunda parte do livro mostra; mas há também os que apenas a dilapidam, conforme os modelos de herdeiros sabemos existir. Na sequência disserta sobre os vários ensaístas encarregados, por sua vez, de velar por essa herança, como, por exemplo, Harold Bloom e Danièle Sallenave; ou mesmo de tratar do tema da herança, como: Jacques Derrida, Roland Barthes; ou falar da ‘família literária’ e de homenagens à literatura ocidental, como, Pascal Quignard e Pierre Michon.

Há sim, um convite à conscientização do leitor acerca da relevância do texto literário em nossa formação, do que é a literatura de qualidade e do quanto o ser humano não pode ser lesado desse direito inalienável. Tal percurso chama a atenção para a formação leitora de nossos jovens, os quais embora gostem de livros, frequentem livrarias; leem sem nenhuma orientação, tendo como referências apenas os best-sellers. Em síntese, esses jovens não estão herdando quase nada de seus pais: poucos livros e nenhuma orientação de leitura.

O que soa como um aviso de incêndio, pois *a leitura de boas obras literárias começa nas famílias em que há leitores, e isso é cada vez mais raro. E continua na escola, onde os professores têm por função mostrar que a leitura é um prazer, e não uma obrigação. Isso, também, é cada vez mais raro. Afogados na cultura de massa, os jovens leitores são privados de uma riquíssima herança (...). Salvo poucas exceções, eles são deserdados e terão pouco a deixar para seus filhos.* (p.59)

Em **A crítica literária** a autora aborda o papel da crítica desde seu surgimento no século XIX até hoje. Tão lírica quanto no artigo anterior, esclarece a função do crítico literário através da imagem do enólogo, conforme permito aos leitores desfrutar: *Como todos os produtos do engenho humanos, as obras literárias podem ser classificadas em vários níveis de qualidade. Assim como os vinhos, por exemplo. Um enólogo sabe distinguir um vinho de alta qualidade e excelente safra de um vinho de mesa. Isso não significa que o vinho de mesa não tem o direito de existir. A grande maioria dos consumidores se contenta com ele. O enólogo é apenas alguém com o paladar formado por longa experiência e conhecimento de inúmeros tipos de vinho. É um especialista. Um bom crítico literário é, como um enólogo, um especialista.* (p.62)

O crítico é antes de tudo, um grande leitor, teve uma formação do gosto, feita pela análise e comparação, como a do enólogo. Se a obra literária depende de leitores para existir, a crítica ajuda a formar esses leitores, os quais, eventualmente, se tornarão escritores, aí reside a sua importância. Mas antes dela, o que forma o gosto pelo produto superior é o ensino da literatura nas escolas, entretanto, com o aval das autoridades educacionais, gradativamente os jovens leitores não têm sido encaminhados a produtos superiores pela maioria dos professores infelizmente.

A primeira parte termina com a última mutação – o ensino da literatura seja no ensino básico, seja no ensino superior. O capítulo **O ensino da literatura** atualiza a discussão, existente por evidenciar o utilitarismo de nossa época, acerca de *Por que e para que ensinar a literatura?* Segundo Leyla, o abalo sofrido pelo conceito de “literatura”, a falta de consenso quanto aos critérios de avaliação da obra literária e de sua função, a “pretensa democratização do ensino”, como nivelção baseada na “realidade dos alunos”, têm tido um impacto devastador no ensino literário. E tudo isso não só influencia o desaparecimento ou o enfraquecimento da disciplina, mas a própria literatura como prática social.

Leyla apresenta meticulosamente os vários ângulos e modos pelos quais a disciplina veio sendo ensinada desde o século XIX até a virada deste século. Até, graças a Antoine Compagnon,

Roland Barthes, entre outros, esclarecer a função desta na vida e na formação do ser humano. Um argumento que me chamou atenção e acredito suficiente para “justificar” seu ensino é o fato dela “carregar” consigo o nosso patrimônio cultural (de cada nação e da humanidade), cuja memória registra. Todavia, a autora resgata vários para responder à pergunta “Por que estudar literatura?”

Porque ensinar literatura é ensinar a ler e, nas sociedades letradas, sem leitura não há cultura; porque a capacidade de leitura não é inata, mas adquirida; porque os textos literários podem incluir todos os outros tipos de texto que o aluno deve conhecer, para ser um cidadão apto a viver em sociedade; porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento; porque a literatura de ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto estreito e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é uma necessidade humana e pode inspirar transformações históricas; porque a poesia capta níveis de percepção e de fruição da realidade que outros tipos de texto não alcançam. (p.81)

Após “decifrar” todas as mutações sofridas pela literatura, Perrone na segunda parte do livro concentra-se na literatura contemporânea (autores e obras, caracterizando-os) e, simultaneamente, intencionalmente ou não, educa o nosso gosto leitor, à proporção que registra, resume, analisa as obras, a cada ensaio. E oferece-nos também um cardápio de leituras, apropriadas para a formação do leitor crítico ou estético, quaisquer seja o sujeito social que ele represente.

O primeiro ensaio dessa parte, **A nova teoria do romance**, faz um balanço de como o romance, após seu surgimento no século XIX, veio se configurando até o século XXI, suas principais tendências e questionamentos. Além disso, apresenta as principais discussões de teóricos do romance do século XX, como, por exemplo: George Lukács, de *Teoria do romance*, e Theodor Adorno, de *A situação do narrador contemporâneo*, até os do século XXI. Muitos destes, romancistas na virada do século, como Claude Simon, Carlos Fuentes, Milan Kundera, Mario Vargas Llosa, entre outros.

Após esse panorama, é a vez de conhecermos como se configura a literatura

contemporânea, assim, o ensaio **A metaficção e a intertextualidade** esclarece o sentido dos termos *metaliteratura* e *intertextualidade*, como surgiram e comumente tiveram seu emprego alargado, sendo aplicados a todas as obras contemporâneas que aludem a autores e obras do passado, tendência esta acentuada na modernidade e mais frequente ainda na modernidade tardia. Ao comentar a obra ficcional do escritor catalão Enrique Vila-Matas, Leyla não só exemplifica essa *metaliteratura*, mas também destaca como a temática especializada e obsessiva usada por ele tem tido excelente recepção, tanto da parte da crítica especializada quanto de seus numerosos leitores. A melancolia irônica do autor conseguiu transformar o “fim da literatura” num tema inesgotável, numa forma de mantê-la viva.

A inclusão do próprio autor como personagem de sua obra ficcional, é outra forma de metaficção frequente em nossa época e que veio crescendo desde os anos 1980, como notamos no texto **Os escritores como personagens de ficção**. À medida que Leyla apresenta um a um os autores, que desenvolvem essa literatura de alta qualidade, como: Julian Barnes; Pierre Michón e Jean-Marie Le Clézio; José Saramago e Antonio Tabucchi; Leonin Tsípkín e J.M. Coetzee; Colm Tóibín, e David Lodge; Michael Cunningham e Alicia Giménez Bartlett; analisa a forma narrativa deles, com seus respectivos protagonistas autores de ficção. Além, é claro, de citar também os autores, cuja literatura não chega a qualidade estética destes.

A memória, em todas as épocas, foi indispensável aos homens para avançar no futuro, mas em nossa época, a memória recente do século XX com suas guerras e horrores, é culpabilizante. Daí o tema do ensaio **Espectros da modernidade literária** ser o espectro na literatura contemporânea. Ele seria *o morto mal enterrado, que volta para cobrar alguma coisa mantida em instância*, em outras palavras, *o passado que se recusa a morrer*. (p.149-50)

A partir das reflexões de Jacques Derrida em *Espectros de Marx* sobre o espectro, Leyla retoma algumas obras analisadas no ensaio anterior, para estudá-las à luz da espectrologia, pois grande parte daqueles romances ao focalizar a morte do grande escritor, os faz aparecer como fantasmas ou assombrações. Aqui, predomina o lado crítica literária, pois aproveita as análises anteriores para aprofundá-las mais sobre essa nova vertente (a espectrologia), principalmente, as referentes a Fernando Pessoa: *O Ano da morte de Ricardo Reis*, de Saramago; *Requiem: uma alucinação* e *Os três últimos dias de Fernando Pessoa: um delírio*, de Antonio Tabucchi. Todas estas são confrontadas com *Boa noite, senhor Soares*, de Mário Cláudio, esta última criticada pela autora.

Apesar de vários teóricos e escritores terem anunciado o “fim do romance” e empreendido

a transformação do gênero, decretando que o modelo narrativo instalado no século XIX não servia mais para retratar a modernidade; atualmente o que se vê, seja na edição, seja no consumo, é que o gênero romance sobreviveu a todos os ataques. Demonstrando a vitalidade do gênero, vários romances deste início do século XXI são “romanchões”, isto é, têm centenas de páginas.

Isso contraria a ideia de que atualmente as pessoas têm pouco tempo para a leitura, pois esses romanchões alcançam grandes tiragens. *Parece que quanto mais a informação se expande e se dispersa, maior o desejo dos leitores por textos estruturados, coerentes e reflexivos.* (p.171) Logo, o capítulo **A volta do romanchão** apresenta os bem-sucedidos romanchões, onde a autora concentra-se na análise de pelo menos seis deles, bem recebidos pela crítica e pelo público no século XXI, são estes: *Reparação*, de Ian McEwan (2001); *O passado*, de Alan Pauls (2003); *Travessuras da menina má*, de Vargas Llosa (2006); *O museus da inocência*, de Orhan Pamuk (2009); *Os enamoramentos*, de Javier Marías (2011) e *A trama do casamento*, de Jeffrey Eugenides (2011).

A autoficção e os limites do eu fala de outro tipo recorrente da literatura contemporânea, a *autoficção*, distinguindo as duas categorias existentes desse gênero: de um lado, a autoficção, variante moderna de um gênero antigo e valorizado pela crítica, e de outro, um tipo de relato pessoal, chamado por muitos também de autoficção, mas considerado apenas escritas do eu, sem abertura para o leitor. Na arquitetura da autoficção o assunto *era o próprio autor, suas experiências, pensamentos e sentimentos. Não eram diários, porque não registravam os acontecimentos dia a dia, em ordem cronológica. Não eram autobiografias, porque não narravam a vida inteira do autor, mas apenas alguns momentos desta. Não eram confissões, porque não tinham nenhum objetivo de autojustificação e nenhum caráter purgativo.* (p.204)

A distopia predomina na literatura desde aproximadamente o fim do século XIX, quando a literatura apresentava o homem e a sociedade em estado catastrófico e possivelmente terminal. Assim, o capítulo **A ficção distópica** disserta sobre essa ficção “pós-utópica”, que representa ou imagina a sociedade de modo calamitoso, tomando como exemplos desse tipo de ficção algumas obras de romancistas contemporâneos, analisados pela autora. São estes: os franceses Michel Houellebecq e Antoine Volodine; o angolano Gonçalo M. Tavares; e dois brasileiros – Ricardo Lísias e Bernardo Carvalho. Para Leyla, todos se abstêm de oferecer soluções para os graves problemas que afligem a humanidade, cumprindo cada um à sua maneira, a função de mostrar a realidade atual e de formular, implicitamente, “perguntas reais, perguntas totais” acerca de seu sentido. A resposta cabe aos leitores.

E, por fim, **A literatura exigente**, uma entre as várias correntes da prosa atual, traduz um tipo de literatura capaz de prolongar a experimentação praticada na alta modernidade sem, no entanto, repeti-la. *Por isso mesmo, não se conformam com os limites genéricos anteriores à modernidade, mesclam todos os gêneros livremente, fazendo com que suas obras sejam de gênero inclassificável, misto de ficção, diário, ensaio, crônica e poesia.* (p.238)

Assim, se por um lado, esses escritores procuram novos modos de contar e de se contar, significa dizer que, por outro, esses livros não dão moleza ao leitor, desafiam-nos a experimentar novas maneiras de ler; exigem leitura atenta, releitura, reflexão e uma bagagem razoável de cultura, alta e pop, para partilhar as referências explícitas e implícitas. Dentre seus melhores representantes estão o alemão W.G. Sebald (1944-2005), o francês Pascal Quignard e vários brasileiros, como: Juliano Garcia Pessanha, Evando Nascimento, Carlos de Brito e Mello, André Queiroz, Julián Fuks, Alberto Martins, Nuno Ramos e José Castello.

Leyla Perrone-Moisés é professora emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, com uma larga experiência na militância na crítica literária e no ensino de literatura. E esses dois lados da autora estão fortemente marcados linha a linha dos ensaios, alternando-se, ora nas discussões em torno do letramento literário, contexto de produção, circulação e recepção das obras, ora como uma enóloga, formando e afinando o gosto leitor daqueles que se abrem ao passeio pela literatura contemporânea. A autora já lecionou em várias universidades no exterior, como a Universidade de Montreal, a Universidade Yale, a Paris-Sorbonne e a École Pratique des Hautes Études. Recebeu o prêmio da Fundação Bunge em 2013, concedido a personalidades de destaque em diversos ramos das Ciências, Letras e Artes no país, para incentivar a inovação e a disseminação de conhecimento. Por isso, sua escrita dinâmica e instigante provoca os leitores.

O que trago aqui é apenas um breve passeio por algumas das muitas ideias e reflexões propostas por Perrone-Moisés em **Mutações da literatura no século XXI**. Nesse sentido, o livro torna-se leitura imprescindível a educadores que vêm empreendendo uma luta diária em suas aulas contra a condição humana alienada, pois desejam formar jovens críticos, protagonistas de suas histórias, mas sobretudo cidadãos. Os ensaios auxiliam, por meio do texto literário, não só o despertar da percepção estética e do amadurecimento sensível dos educadores, quaisquer seja a área de atuação, promovendo o letramento literário; mas também, a resgatar a leitura como prática coletiva em nossa tradição cultural, a fim de provocar um movimento de ruptura do ser individual ao coletivo pela transmissão de nosso bem imaterial.